



## GT 021. Antropologia e tecnociência: teorias, métodos e perspectivas

Fabiola Rohden (UFRGS) - Coordenador/a, Marko Synésio Alves Monteiro (UNICAMP) - Coordenador/a, Jane Araújo Russo (IMS-UERJ) - Debatedor/a, Fabrício Monteiro Neves (Universidade de Brasília) - Debatedor/a, Guilherme José da Silva e Sá (Departamento de Antropologia - UnB) - Debatedor/a)

O objetivo deste GT ? promover a discuss?o sobre as interfaces entre ci?ncia, tecnologia, sociedade e poder, a partir da produ??o antropol?gica contempor?nea. Dessa forma, busca ampliar o espa?o de discuss?o do campo da Antropologia da Ci?ncia e da Tecnologia, tanto no sentido de consolidar debates em andamento quanto na inten??o de refletir sobre as perspectivas dessas investiga?es para o futuro. Temas como biossocialidades, biomedicaliza??o, pr?ticas de produ??o de conhecimento em laborat?rios e as interfaces entre conhecimentos cient?ficos e n?o cient?ficos t?m sido muito investigados em anos recentes. Ao lado desses temas, quest?es como as rela?es entre humanos-n?o humanos (dentro e fora de institui?es cient?ficas), redes de produ??o de ci?ncia e tecnologia e as intera?es entre "n?s" e cosmologias n?o ocidentais v?m dando cada vez mais densidade ? reflex?o antropol?gica. Ao lado da renova??o dos temas de pesquisa, antrop?logos/as envolvidos com a tecnoci?ncia v?m tamb?m ajudando a reconstruir teorias. Seja na cr?tica da Teoria Ator-Rede, ou no efervescente campo dos Estudos Sociais da Ci?ncia e da Tecnologia, temas como associa?es, performactivity e pol?ticas ontol?gicas v?m ganhando terreno na an?lise social, com forte participa??o de antrop?logos/as e do m?todo etnogr?fico. O GT buscar? reunir trabalhos que ajudem a construir uma reflex?o sobre o papel que a Antropologia vem tendo nesse cen?rio de reflex?es.

### **Guerra por ?gua: os Mëbengokre-Xikrin da Terra Indígena Trincheira-Bacajá e os Juruna (Yudjá) da Volta Grande do Xingu contra os impactos da usina hidrelétrica de Belo Monte.**

**Autoria:** Thais Regina Mantovanelli da Silva

Em vinte de abril de 2010, o leil?o para concess?o e comercializa??o de energia da Usina Hidrelétrica de Belo Monte foi realizado pela ANEEL (Ag?ncia Nacional de Energia El?trica) com uma dura??o hist?rica de apenas sete minutos. Esses sete minutos alteraram de forma irreversível a vida dos v?rios povos indígenas e ribeirinhos da regi?o de Altamira, inaugurando o que chamo de ?era dos impactos?. Minha apresenta??o ir? se referir aos impactos da barragem do ponto de vista de dois povos especificamente: os Juruna Yudjá da Volta Grande do Xingu e os Mëbengokre-Xikrin da Terra Indígena Trincheira-Bacajá. Trata-se de destacar etnograficamente os engajamentos est?ticos e as pr?ticas narrativas dos impactos desses povos que s?o negligenciados nos documentos oficiais de monitoramento dos impactos da obra. Apesar desse negligenciamento, os Mëbengokre-Xikrin e os Juruna Yudjá insistem em afirmar suas assustadoras teorias de impactos decorrentes do barramento do Xingu e da dr?stica diminui??o dos regimes de cheia. Em v?rios momentos, especialmente em situa??es de reuni?o com a empresa concession?ria, esses povos tem questionado com veem?ncia os dados do monitoramento oficial apresentado pelo ?rg?o empreendedor e por t?cnicos especialistas contratados pela Norte Energia. Ao expressarem seus questionamentos que contradizem os dados oficiais, ambos povos defendem a validade das teorias e das narrativas de impacto condizentes com as formula??es das pessoas moradoras das aldeias em suas Terras Indígenas: a Trincheira-Bacajá e a Paquiçamba da Volta Grande do Xingu. Assim, proposta dessa apresentar é levar essas reivindica??es às ?ltimas consequ?ncias, de modo a problematizar maneiras pelas quais as teorias de



impactos desses povos afetados pela barragem de Belo Monte impactem também discursos científicos presentes nos relatórios de impacto, elaborado pelas empresas, e análises antropológicas da escrita etnográfica.



**Realização:**



**Apoio:**



**Organização:**

